REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

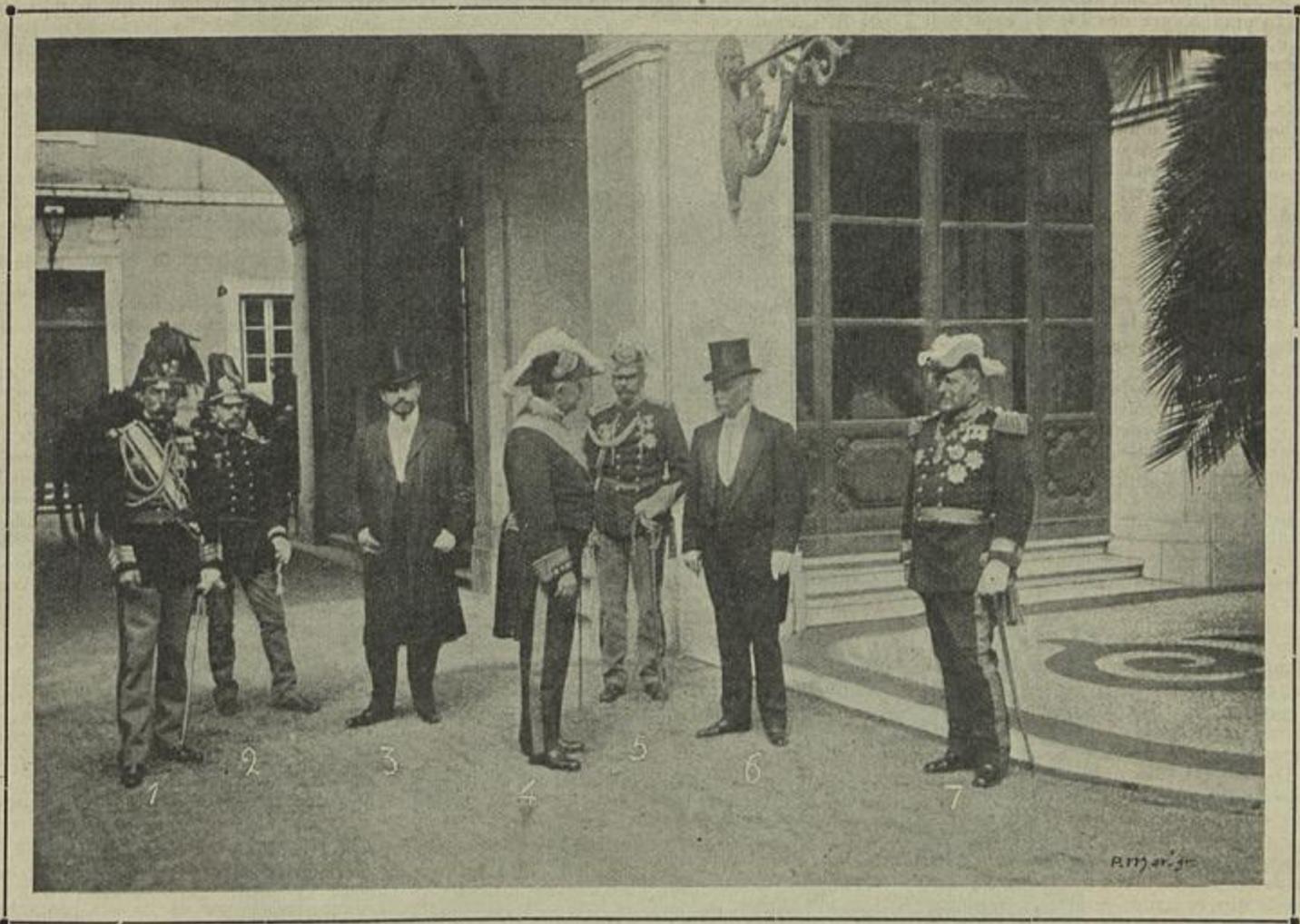
Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1096

10 de Junho de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

O NOVO MINISTERIO

1. Coronel Roma du Bocage, *Ministro dos Estrangeiros* — 2. Coronel Francisco de Azeredo, *Ministro da Fazenda* — 3. Dr. Terra Vianna, *Ministro da Marinha*
4. Conselheiro Wenceslau de Lima, *Presidente do Conselho e Ministro do Reino*
5. Coronel Barjona de Freitas, *Ministro das Obras Publicas* — 6. Dr. Francisco Medeiros, *Ministro da Justiça* — 7. General Elvas Cardeira, *Ministro da Guerra*

OS NOVOS MINISTROS NO PAÇO DAS NECESSIDADES

CHRONICA OCCIDENTAL

Que os nossos muito presados collegas da imprensa diaria nos desculpem a franqueza, pois sempre lhes queremos dizer que, a respeito de animação e bom gosto em batalhas de flôres na nossa capital — temos conversado!

Ainda no outro dia tivemos aquella que ahi promoveram em beneficio das victimas dos tremores de terra, e viu-se. Bem se fartaram os jornaes de dizer que a essa festa concorrera tudo quanto Lisboa conta de mais distincto, elegante e illustre na sua sociedade. A verdade porém, é que a chronica, tendo caído mais uma vez na toleima de lá ir, debaixo d'um sol de rachar, poude dar fé de quem lá estava.

Lisboa possue meia duzia de pessoas que constituem, pela sua raridade, uma coisa digna de ser mostrada aos forasteiros, como se mostram aos visitantes da Suissa os ursos de Berne. São meia duzia de pessoas intelligentes, bem nascidas, bem criadas, bem educadas, de apurado gosto em tudo quanto fazem, quanto dizem, quanto vestem e quanto lhes respeita. Pessoas que têm viajado, pessoas que têm visto mundo, familiarisadas com todos os requintes, todas as quintessencias da vida, habituadas ás intimidades maximas do bom e do bonito. São ellas que fazem a moda, são ellas que ditam a opinião, são ellas o grupo dirigente, em summa. Uma duqueza, um marquez, um ou outro conde, um artista, um literato — *et c'est tout.* Não é por certo o convivio d'esses que enfada. Bem longe d'isso, regala.

A sociedade onde a gente se aborrece é outra. E' d'ahi p'ra baixo. E' a maioria do publico habitual das primeiras recitas e das decimas-quintas, dos bazares de caridade e dos bailes de subscripção, das tardes na Rua do Oiro e dos *rendes-vous* da Pastelaria Marques, das batalhas de flôres e dos festivaes para tuberculosos... E' a grande concorrencia que se nota sempre nos espectaculos e salsifrés para os quaes se não fazem convites especiaes, e a que toda a gente póde ir, pagando a entrada ou pedindo uma senha. São os viscondes e baronezas dos bêcos e chafarizes, os adidos de legação criados p'la Misericordia, as meninas e moças da vida elegante, os trinca-espinhas do *sport*, os grandes caloteiros do Nunes Correia e do Amieiro, algumas viuvas absolutamente inconsolaveis — todo o *high-life* do *Diario Illustrado*, em summa, com as raras excepções dos que n'elle figuram sem o terem pedido, nem quererem saber d'isso...

E' de vêr, então, e de ouvir, o que Lisboa conta de mais distinto, e de mais elegante, e de mais

illustre na sua sociedade! Como ellas vestem e e como elles vestem; o que ellas dizem, e o que elles respondem; o que ellas pensam, e o que elles supõem; o que ellas mostram, e o que elles ocultam!

E' de vêr, então, como um simples e breve quarto de hora de conversa com elles e com ellas, basta para inutilisar todos os bons esforços que Beldemonio e Fialho empregaram em muitas das suas chronicas das *Viagens no Chiado* e da *Lisboa Galante* para fazerem crêr a algumas ingenuas leitoras da provincia ou da Graça quanto a educação, de 34 para cá, tem dado aos nossos homens de refinamentos intelectuaes, e quanto as nossas mulheres desenvolvem em publico de talento scenico, espirito e graça artificiosa, todo um poema de subtilezas e sagacidades femininas!

Que porção de fantasia tem sido necessaria a esses e outros folhetinistas da nossa suposta vida elegante, para nos pintarem uma sociedade lisboeta em que as classes burguezas cultivam o gosto pelos dictames d'uma inspiração já literaria, seguem com intimo prazer as discussões que uma estatua, um quadro, ou tal peça de mobilia pódem provocar, alimentam, finalmente, um entusiasmo d'arte que é marca d'uma extrema cultura.

Pobre Beldemonio! Como que estou a ouvi lo: — «... Chove sem descanço, não vê? A vida lisboeta aconchega-se a dentro das janelas hermeticamente fechadas, no calor amigo do *chez soi*, d'onde a chamma alegre dos fogões expulsa a humidade e o frio. Devem ser horas de jantar. Vamos irritar um poucochinho o apetite para essa necessidade, que deve ser satisfeita como uma solemnidade, após uma *toilete* cheia de pequeninos cuidados, que dão uma alta idéa de quanto significam na vida de Lisboa os prazeres da mesa... Com o estomago desembaraçado e a consciencia tranquila, uma flôr na botoeira, o ultimo conto de Armand Silvestre na memoria, uma coleção completa de vinhos em bellas garrafas de cristal lapidado sobre a alvura da toalha, um criado de casaca e gravata branca para servir á mesa, e a cosinha o mais longe possivel da sala de jantar, segundo o sabio preceito do Barão de Brisse... Dê me o seu braço, ande, venha d'ahi ás regiões olorosas do Silva. Olorosas, palavra de honra... E' o aroma das trufas, o vapor quente do borgonha amornado para desenvolver todos os seus principios aromaticos, o *fumet* de caça, e talvez, alguma pontinha de heliotropo que tenha ficado nos reposteiros, da noite passada...»

Ou então o mistificador Fialho:

— «Ah, meus amigos, que raça esta nossa de brancas mulheres flexiveis e altas, cabellos castanhos e bôcas em frécha, belleza mais intelectual do que fisica, fundada na scintila histerica dos olhos, na esquisitice das mãos, nas fragilidades da cinta, passeando os asfaltos da nossa bella cidade, enchendo os salões, fazendo os *five o'clock tea*, aplaudindo os theatros, revoluteando por essas praias e estações d'aguas — com pés quasi espirituosos, dolencias de espáduas e nucas de oiro, em que parece anicharem-se colibris de beijos... Olhem como ellas vão, por bandos e revoadas, as bellas Dianas e Lêdas, adeante das mamãs, rindo e pipiando nos peristilos, deitando o *lorgnon* aos rapazes com ares de duquezinhas á Brantôme...»

Como estes dois grandes marotos tiveram a habilidade de fazer a chronica a sério de Lisboa, mas por modo que, voltando-a do avêsso, podesse ella ser a mais descabelada troça d'essa mesma sociedade que a prosa de ambos enaltecia e cantava!

A vida aconchegada do *chez soi* em Lisboa, onde é facil percorrer bairros inteiros, olhando para dentro das casas pelas janellas despidas de cortinas, sem gosar o vislumbre d'um interior bem arranjadinho, com seus moveisitos de bom gosto, com seus quadrinhos graciosos alegrando as paredes, com seus tapetes e estofos bem dispostos, com seus mólhos de rosas e de cravos perfumando tudo!

O borgonha amornado dos nossos restaurantes, onde o que mais das vezes acontece é servirem-nos o juntar deploravelmente frio!

Ter uma alta idéa do que na vida de Lisboa significam os prazeres da mesa, quando a verdade é que uma grande parte da alta roda do *Illustrado* se contenta com mandar buscar o jantar ás Cosinhas Economicas, para não faltar aos *five o'clock* da Pastelaria Marques!

Quer a cosinha o mais longe possivel da sala de jantar, segundo o Barão de Brisse, e saber a gente que, muitas vezes, para se não deixar de ter uma sala de visitas, se faz da propria cosinha a sala de jantar.

Vêr toda uma raça de mulheres brancas e louras, com bôcas em frécha e olhos em amendoa, deitando o *lorgnon* á maneira de duquesa, onde o tipo da mulher predominante na raça é justamente e naturalmente a resultante de toda uma mexordia de governadores ultramarinos, condemnados da costa d'Africa, e diplomatas enviados a Macau, com pretas de beiço caido e maminha em saco de café, ou chinezas de olho sumido e pé metido p'ra dentro!

Mas é preciso ir, é preciso estar onde vá e onde esteja o que esta sociedade de Lisboa tem, no dizer insistente dos jornaes, de mais distinto, elegante e illustre; é preciso conhecer os principios d'esta gente, a educação que recebeu e transmitiu aos filhos, o que se lhes ensinou nas escolas, nos liceus e nos cursos superiores; é preciso ter investigado as suas condições de penuria domestica, onde não raro sucede faltar o bastante para pagar a criada, e onde a mãe ficará a descascar ervilhas e a acender o lume emquanto as filhas vão encontrar-se com os namoros no Rendez-vous des Gourmets; é preciso ter visto os moveis com que esta gente enche a casa, os quadros que pendura nas paredes, as bugigangas que põe nas *etageres*; é saber que literatura ella prefere; que theatro mais a emociona, e os motivos de conversa que mais a interessam; é preciso finalmente saber como ella se alimenta, como ella se lava, como ella se veste, e como ella racíociona — para bem compreender toda a pungente ironia de que estão saturadas as chronicas espirituosas de Fialho e de Beldemonio.

JOÃO PRUDENCIO.

O NOVO MINISTERIO

Se seguirmos a ordem cronologica dos governos que se teem sucedido no reinado do Senhor D. Manuel, é este ministerio o quarto chamado aos conselhos da corôa, no relativo curto espaço de desasseis mezes — desde fevereiro de 1098 —, tanto é o tempo do mesmo reinado, contando que o primeiro ministerio, Ferreira do Amaral, durou de fevereiro a dezembro de 1908, seguindo-se o gabinete Campos Henriques, que ocupa o poder de janeiro a março d'este anno, e cae nos principios de abril, para dar logar ao governo Sebastião Telles, que teve verdadeiramente a vida das rosas de maio, pois mal chegou a durar um mez.

O mais para notar, porém, é que estes tres ministerios caem, tendo maioria nas camaras e sem que houvesse qualquer alteração da ordem publica. Ainda mais: caem com orçamentos apresentados, carregados de projetos de leis e alguns já em discussão que lhes não é desfavoravel.

Registramos sucintamente o facto neste arquivo da historia, que no futuro julgará do fenomeno ocorrido sob o regimen constitucional da nação.

Tanto do ministerio Ferreira do Amaral, como do ministerio Campos Henriques se ocupou o OCCIDENTE em devido tempo, o que não chegou a acontecer com o ministerio Sebastião Telles, dada a sua pouca duração, e a periodicidade desta revista mal lhe permitir fazel-o com oportunidade.

Esse minsterio, presidido pelo sr. general Sebastião Telles que, como ministro da guerra, fizera parte dos ministerios Ferreira do Amaral e Campos Henriques, compoz-se dos srs. conselheiros Alexandre Cabral, pasta do reino; conde de Castro e Solla, pasta da justiça; Soares Branco, pasta da fazenda; Azevedo Coutinho, pasta da marinha; D. Luiz de Castro, que formava parte do ministerio demissionario, reconduzido na pasta das obras publicas, e D. João de Alarcão, nas mesmas condições, passando para a pasta dos estrangeiros.

Este ministerio organisado com bastante dificuldade, viu-se obrigado a depôr o seu mandato nas mãos de El Rei, pelo motivo mais curioso e singular que se terá dado num governo representativo, e foi o da sua maioria parlamentar não querer discutir com as minorias, tornando se assim impossivel a vida parlamentar do governo perante a camara dos deputados, tendo a mór parte desse governo sahido dessa propria maioria.

E' claro que não tendo o governo votadas as leis mais indispensaveis para govérnar, e entendendo El-Rei não dever adiar nem dissolver as côrtes, ficando em ditadura até nova reunião do parlamento, o ministerio demitiu-se.

El-Rei consultou então os varios chefes politicos, chamando por fim o sr. conselheiro Wenceslau de Lima para formar governo, honra que o antigo ministro dos estrangeiros aceitou, conseguindo depois de laboriosas e demoradas diligencias organisar um ministerio composto de elementos extra-partidarios ou fóra da vida ativa da politica, sem compromissos.

Assim, o novo ministerio, tendo por presidente o sr. conselheiro Wenceslau de Lima, com a pasta do reino, ficou organisado da seguinte fórma: srs. conselheiros dr. Francisco José de Medeiros, justiça; Francisco de Paula Azeredo, fazenda; Carlos Roma du Bocage, estrangeiros; general Elvas Cardeira, guerra; Terra Vianna, marinha, e Antonio Alfredo Barjona de Freitas, obras publicas.

Do sr. conselheiro Wenceslau de Lima tem esta revista publicado varias vezes — e ainda da ultima vez que formou parte do ministerio Campos Henriques —, as principaes notas biograficas, sendo certo que é um antigo parlamentar, par do reino e ministro dos estrangeiros por vezes, pasta em que tem afirmado dotes de fino diplomata e homem de estado, perfeitamente á altura de chefe de situação.

O sr. conselheiro dr. Francisco José de Medeiros, ministro da justiça, é um dos mais conceituados jurisconsultos do fôro português, e atualmente juiz da Relação de Lisboa. Entre varias publicações suas conta um livro, *Sentenças*, de notavel valor juridico. Principiou sua carreira parlamentar em 1879 eleito deputado, que o foi em sucessivas legislaturas, chegando a ser primeiro secretario da camara, e em 1904 elevado a par do reino. Parlamentar muito notavel, mais se notabilisou ainda na discussão da lei de imprensa, do ministerio João Franco, a qual combateu em um memoravel discurso afirmando suas ideias liberaes, que tambem demonstrou na apresentação de um projeto de reforma do Juizo de Instrução Criminal.

Ultimamente apresentou á camara dois projetos de reforma da policia e da reorganisação judicial. O sr. conselheiro Medeiros é natural de Valle Passos onde conta grande influencia politica.

O sr. conselheiro dr. Francisco de Paula Azeredo, ministro da fazenda, é major graduado de engenharia, e foi um dos estudantes mais distintos do curso desta arma assim como do curso de matematica da Universidade de Coimbra. Lente da segunda cadeira de fisica da Academia Politecnica do Porto, tem exercido este logar com notavel competencia, substituindo por vezes seus colegas em outras cadeiras sempre com distinção.

O sr. conselheiro Azeredo nasceu no Porto, onde é altamente considerado, e é filho do sr. conde de Samodães, bem conhecido em todo o país por sua grande ilustração e respeitabilidade. O novo ministro da fazenda sem ser politico filiado em nenhum partido, tem, comtudo, revelado suas ideias liberaes, e aceitou o convite do sr. Wenceslau de Lima, por muita amisade e dedicação pessoal a sua ex.ª.

O sr. conselheiro coronel Carlos Roma du Bocage, ministro dos estrangeiros, e um digno continuador dos dotes que distinguiram seu ilustre pae, o conselheiro Barbosa du Bocage, eminente professor de ciencias e estadista que foi dos mais valiosos e que melhor serviram o seu país. Possuidor do curso de engenharia, tem se dedicado tambem ao estudo da politica internacional, tendo representado por varias vezes o governo português em congressos no estrangeiro, assim como a Sociedade de Geografia, de que é um dos diretores e vice-presidente. Por isto se vê que não será estranho aos negocios da sua pasta, hoje seguramente uma das mais dificeis de bem desempenhar em nosso país, dadas as relações que tem de sustentar com as potencias estrangeiras, com as quaes tem a concertar tratados de comercio inadiaveis, para resolução de muitos problemas economicos, além da questão colonial que ocupa as atenções de todas as chancelarias, como expansão das nações da Europa que pretendem estender seus dominios para além-mar, onde tanto temos que defender.

O problema colonial não é hoje menos importente em nosso país do que o fazendario para o equilibrio das nossas finanças, ponto está que um e outro sejam tratados á sua altura pelos titulares das respetivas pastas.

O novo ministro dos estrangeiros foi eleito deputado pela primeira vez para a legislatura de 1884 a 1887 e de novo voltou á camara de 1890 a 1894. Atualmente é par do reino por sucessão de seu pae. Tem desempenhado importantes comissões de serviço inherentes á sua arma e outras diplomaticas sempre com intelligencia e zelo. E' comandante da Escola Pratica de Engenharia de Tancos, e vogal da 2.ª secção de estudos do conselho geral do exercito. E' ajudante de campo honorario de El-Rei e condecorado com varias ordens portuguêsas e estrangeiras.

O novo ministro da guerra sr. conselheiro general José Manuel Elvas Cardeira, é um dos mais distintos ornamentos do exercito português, onde gosa de justa e elevada consideração por seus grandes merecimentos, como militar estudioso e de provada competencia, atestada pelo modo superior como se tem desempenhado de dificeis e espinhosas comissões. E' proverbial a sua atividade e energia a par de vastissimos conhecimentos cientificos e dedicação civica. O sr. general Elvas Cardeira esteve alguns annos ao serviço do ministerio dos estrangeiros na comissão de delimitação de fronteiras. Foi chefe de gabinete do ministerio da guerra, quando ministro o falecido general Francisco Maria da Cunha, assim como foi chefe do estado-maior da primeira divisão militar. Agora era diretor geral dos serviços do estado-maior, a qual tem a seu cargo a organisação da defeza do país.

O sr. dr. Manuel Terra Pereira Vianna, ministro da marinha, é um engenheiro distintissimo, lente do Instituto Industrial do Porto, sendo formado em matematica e filosofia pela Universidade de Coimbra, tendo tambem o curso na Escola de Pontes e Calçadas de Paris. Tem exercido importantes comissões de serviço publico, entre ellas a de diretor dos caminhos de ferro ultramarinos, e a de membro do conselho superior de instrução publica. Foi deputado ás côrtes em 1894, mas dissolvida a camara, não tornou a ser eleito. O sr. Pereira Vianna tem vasta ilustração secundada por grandes dotes de natural inteligencia.

O sr. conselheiro coronel Antonio Alfredo Barjona de Freitas, ministro das obras publicas, é filho do falecido parlamentar e ministro deste apelido. Nasceu em Lisboa a 11 de abril de 1859 e foi estudante laureado, encetando sua carreira militar em 1879. Foi um dos fundadores da *Revista de Ciencias Militares*, em 1885.

Pela primeira vez deputado em 1886, apresentou um projeto de lei sobre instrução militar nas escolas primarias, e em 1893 apresentou outro projeto á camara, de colaboração com o engenheiro sr. Moreira da Mota, para a creação dos sindicatos agricolas, que depois foi convertido em lei pelo ministro das obras publicas Carlos Lobo de Avila, hoje falecido. Tem se dedicado ao estudo das questões agricolas, e tomando parte no Congresso Vinicola, empenhou-se para que fosse promulgada a lei de 3 de abril de 1896, pelo sr. conselheiro Campos Henriques, ministro, então, das obras publicas. Em 1903 foi nomeado governador de Cabo Verde, onde esteve até fins de 1904, de que apresentou um bem elaborado relatorio do seu governo.

E' este o ministerio que o sr. conselheiro Wenceslau de Lima conseguiu formar com elementos novos e que oferecem garantia, nas dificeis, para não dizermos anormaes condições em que se encontra a politica portuguêsa. Devemos crêr que só com certas garantias da corôa, sua ex.ª aceitou o encargo, para não se vêr na desconsoladora e prevista colisão de perder seu tempo e seu trabalho, em presença do parlamento, dado o desconcerto que nelle se observa. Assim uma das garantias da corôa, foi a de conceder o adiamento das côrtes até 19 de julho, para o novo governo estudar as propostas a apresentar ao parlamento. A outra garantia, é facil prever que seja a dissolução do parlamento, se este presistir em não discutir as propostas e não colaborar com o novo gabinete.

Neste caso terá o governo de proceder a novas eleições, procurando candidatos mais ou menos independentes, conformes á situação extra-partidaria que o governo representa.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE DE BELAS-ARTES DO PORTO

RETRATO DO SR. J CORDEWEENER — *Quadro de João Augusto Ribeiro*

Exposição da Sociedade de Belas-Artes do Porto

Quasi ao mesmo tempo que se realisava em Lisboa a exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, de que esta revista se ocupou nos dois ultimos numeros, franqueava-se ao publico, na capital do norte, a exposição da Sociedade de Belas-Artes, do Porto.

Que lisongeiro adeantamento não representa esta vitalidade da Arte, que felismente se vae notando em nosso país, onde ainda não ha muitos annos, a Arte seria apenas uma aspiração de poucos lutando improficuamente com o desdem e a indiferença publicas.

Os artistas portuenses vieram secundar os esforços dos artistas de Lisboa, e de ha annos para cá, começaram tambem suas exposições de arte, melhorando sucessivamente de forças, para o que não pouco tem concorrido, entre outros, Teixeira Lopes e Marques de Oliveira.

Organisou se no Porto uma Sociedade de Belas-Artes, com exposições periodicas, das quaes a ultima, se afirmou por notavel progresso, concorrendo briosamente um grupo de expositores.

Sobre esta exposição publica o nosso colega portuense *Arte*, uma breve critica, firmada pelo sr. Joaquim Costa e da qual, com a devida venia, extratamos alguns trechos.

Acerca do pintor José de Brito, para quem a critica de alguns foi menos justa, diz o sr. Joaquim Costa:

«O pintor José de Brito sustentou-se treze annos em Paris, vivendo exclusivamente do pincel; e os criticos *imbecis* da capital francêsa trataram sempre carinhosamente este *nullo*, que tem quadros como *Um martir do fanatismo* e o *Domingo de Pascoa*, obras que seriam bastante para fazer a reputação de um artista.»

Depois prosegue na apreciação de outros expositores:

«Candido da Cunha tem direito a que sejam demoradamente fixados os seus estudos de paisagem. E' um verdadeiro poeta no sentimento com que interpreta os cenarios da natureza. Elle pinta como ninguem os esmorecimentos da luz, ás horas crepusculares em que as sombras se alastram pelos campos, e sobre a terra que adormece morrem as vozes dos que abandonam o trabalho.»

«Outro paisagista que solicita a nossa atenção e vem fazendo uma bela carreira, é Julio Ramos. O admiravel pintor da *Entrada dos barcos* era por muitos uma individualidade perdida para a arte. Sinceramente desejamos que continue a afirmar, como hoje, a sua extraordinaria vitalidade.»

«João Augusto Ribeiro afirma-se, de subito, um notavel pintor de retratos. A sua representação neste certamen é das mais elevadas, e dá-lhe o direito a reivindicar entre os artistas portuguêses cantemporaneos o honroso logar que lhe pertence, pelo valor da sua arte san, tão equilibrada e tão sincera.»

«Das senhoras, D. Aurelia de Sousa e D. Margarida Romão merecem ser especialmente notadas.

«De indole inteiramente diversa, a obra das duas artistas tem caracteristicas inconfundiveis. D. Aurelia de Sousa, cujo talento varonil a critica consagrou ha muito, encontra-se na plena posse das suas poderosas faculdades; e D. Margarida Romão progride sempre, mostrando nos seus quadros de flôres, agora expostos, que é a mesma a sua sinceridade e que são cada vez mais conscienciosos os seus processos de pintar.»

«Dos novos, os srs. Lucio Junior e Henri Huguenin merecem especial referencia. O primeiro, discipulo de Arthur Loureiro, se podesse exclusivamente consagrar-se á pintura, viria a ser, num futuro bem proximo, um dos nossos paisagistas mais notaveis. O sr. Huguenin ha quatro annos que trabalha com uma grande fé, e a sua obra vae-se tornando cada vez mais perfeita.»

«O sr. Eduardo Moura expõe um *Interior*, rea-

Exposição da Sociedade de Belas-Artes, do Porto

lisado com talento e de uma sinceridade notavel. Desejariamos deveras que este consciencioso artista continuasse a pintar quadros de genero, onde nos parece que o seu temperamento se encontra perfeitamente á vontade.»

«Todos os outros pintores se esforçaram por ter representação decorosa.»

«Na secção de esculptura é justiça salientar a obra honesta e realmente elevada de Teixeira Lopes e os trabalhos de Alves de Sousa, Oliveira Ferreira e D. Alda da Cunha.»

Como se lê atravez desta critica, a exposição da Sociedade de Belas-Artes do Porto, foi para alguns dos concorrentes, a confirmação dos creditos de que vem precedidos, e para os novos lisonjeira promessa que os deve animar a proseguir na carreira encetada.

Assim irá engrossando a falange dos que neste país lutam pela arte, cheios de fé e de talento, e em profiado trabalho irão triunfando, mostrando sua forte vitalidade em obras que já hoje a atestam, no país e no estrangeiro, onde nesses grandes centros de arte, alguns de nossos artistas tem sido devidamente apreciados e distinguidos com primeiros premios, nas exposições a que concorreram, em confronto com artistas consagrados pela critica.

Que estas exposições se repitam para incentivo dos artistas, é o que deveras estimamos como a melhor afirmação do progresso intelectual do nosso país.

As gravuras que acompanham este artigo, primorosos *similis* do sr. Marques Abreu, foram-nos amavelmente oferecidas pelo distinto gravador, proprietario da revista *Arte*, artistica publicação feita no Porto e que honra sobremodo a arte portuguêsa.

ALEGORIA, *baixo relevo de Teixeira Lopes* — UM INTERIOR, *quadro de Eduardo Moura* — TRECHO DA RIBEIRA (PORTO), *quadro de José Brito* — PINHEIROS MANSOS, *quadro de João Ribeiro* — TRECHO DO AREINHO, *quadro de Candido Cunha.*

Biblioteca da Infancia

Victor Ribeiro

Eis o titulo d'uma bibliotheca que se propõe ministrar ás creanças leituras sans e instrutivas, que lhes auxilie proficuamente a educação, elevando-lhe os sentimentos para tudo que é moral, que é belo, que é grande, como moral, belo e grande deve ser o amor ao trabalho, o amor á terra em que nascemos, e se chama patria, altar em que seus filhos se sacrificam para dar força e gloria á mãe commum.

Biblioteca da Infancia é o titulo generico que os fundadores puzeram á serie de livros que se propõem dar á estampa, e com que dedicação pelos jovens leitores o fazem, apresentando lhes edições tão bem escolhidas no texto como aprimoradas na execução artistica de novidade e de bom gosto.

O diretor literario desta biblioteca é o nosso presado amigo sr. Victor Ribeiro, da Academia

A Rainha Santa Isabel evita a batalha no campo de Alvalade

Real das Ciencias, e tanto basta para, antecipadamente, se saber o escrupuloso cuidado e bom gosto literario com que preside á escolha dos assuntos.

A direção artistica é do nosso velho amigo Alfredo David, que é tambem o proprietario da *Biblioteca da Infancia*, e cujos creditos de artista encadernador, bem conhecidos em todo o país, mais e melhor se firmam na arte e bom gosto das encadernações destes livrinhos, verdadeiramente atraentes, acrescendo a execução tipografica em magnifico papel, que dá uma edição de luxo, do custo apenas de 300 réis, o que é, por assim dizer, um milagre de livraria no mercado português.

Os livrinhos da *Biblioteca da Infancia* tornam-se assim o melhor brinde para oferecer a uma creança, se é que os adultos a não vão apreciar tambem, porque ninguem desdenha do que é realmente bom, e não abundam por ahi tantas leituras boas, que não nos consolemos e até nos instruamos com o resurgir de textos de autores de reconhecido merecimento literario.

E' nesses autores, como Herculano, Castilho, Rebello da Silva, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, etc., que o sr. Victor Ribeiro vae respigar os excerptos que compõe os livros da *Biblioteca da Infancia*, intercalando tambem excerptos de autores estrangeiros como Victor Hugo, Daudet, Trueba, Madame Collet, Madame Robert Halt, etc., formando deste modo uma coleção interessantissima a par de amenamente instrutiva.

O primeiro volume publicado da *Biblioteca da Infancia*, dá já uma boa ideia do seu fim educativo e de amena leitura. Assim, intitula se *Narrativas e lendas da Historia Patria — Conquista e organisação do reino de Portugal.*

Este volume é formado por excerptos de Antonio Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, Pinheiro Chagas, Bernardino Pinheiro, Oliveira Martins, Benevides e Zeferino Brandão. I *Egas Moniz, exemplo de lealdade e patriotismo.* II *A conquista do territorio.* III *A tentação de São Frei Gil. Lenda do seculo XIII.* IV *O bom rei D. Diniz.* V *A Rainha Santa.* VI *A Batalha do Salado.* VII *D. Ignez de Castro.* VIII *D. Fernando I.*

São estas narrativas e lendas ilustradas com retratos, vistas, e reproduções de quadros historicos, estes muito nossos conhecidos, que nos encheram de saudades pelos bons tempos em que sahiram do nosso buril hoje apenas uma recordação querida.

Alguns desses quadros acompanham esta noticia, como specimens das gravuras que ilustram a *Biblioteca da Infancia*, e são cuidadosamente estudados nos usos e trajos das épocas, por Manuel de Macedo que os compoz e desenhou.

Não é menos importante esta circumstancia num livro de educação que assim vae espurgado de erros de indumentaria, em que, infelismente, abundam muitas composições historicas que temos visto e passam em julgado sem reparo, como se a educação artistica fosse coisa de pouca monta.

Estimamos poder annunciar a nossos leitores uma obra tão interessante como proveitosa, num conjunto de arte e elegancia que todos pódem apreciar porque o seu preço chega a todas as bolsas, e nem de outro modo ella poderia utilisar ao grande publico, e ser pratica, pois de livros bons e economicos é que precisamos para nossos filhos, que para exploração bem basta os livros obrigados de ensino, que a cornucopia da pedagogia lança oficialmente no mercado sob mil pretestos quasi sempre desprovidos de bom criterio, e obedecendo mais á ideia de cada qual fazer o seu negocio, do que propriamente ao espirito de bem e sinceramente educar a infancia; e quando isto acontece com os livros oficiaes, que deviam ser inteiramente indipendentes de qualquer fito de exploração, que dirêmos desse enxame de publicações livres com que se pretende educar?...

Mas não é nosso proposito fazer agora aqui a critica dessa monstruosidade de teorias mal degiridas, mas simplesmente apresentar a *Biblioteca da Infancia* que realisa grande progresso tornando os seus livrinhos atraentes sobre todos os pontos de vista.

Daqui em deante já as mães de familia encontram livros portuguêses, verdadeiros mimos com que brindar seus filhos, não precisando recorrer a

Uma batalha com os mouros, nos campos do Alemtejo

livros estrangeiros, que os pequenos não entendem ou a outros só de estampas, que não despertam o gosto pela leitura.

Felicitamos os benemeritos fundadores da *Biblioteca da Infancia*, que bem merecem o agradecimento e simpatia do publico, pela béla ideia que tiveram em publicar estes bons livros educativos, no tempo em que mais se fala de educação e menos se educa, numa desorientação funesta que tudo baralha e confunde.

C. A.

Assassinato de D. Inez de Castro

A Festa da Flôr

Iniciou-se este anno a Festa da Flôr por exposições de flôres nos mostradores dos principaes estabelecimentos da baixa, em quinta feira da Ascensão, apresentando-se alguns ornamentados com muito gosto, destacando-se o *Paris em Lisboa*, em que figurava um manequin o milagre das rosas da rainha Santa Isabel.

A proposito da Festa da Flôr, lembra-nos uma poesia, mimo de graça e singelesa, publicada, em 1838, no *Panorama*, do celebre orador sagrado e poeta Silveira Malhão, que foi cognominado o Lacordaire português, autor da *Aldeia Cristan* e dos *Serões da Aldeia*.

A ESCOLHA DAS TRES FLORES

Uma flôr me fez presente
De tres flôres delicadas,
Todas diversas nas côres,
Na belleza variadas.
— Qual de nós, me disse a esponja,
Que primeiro a voz ergueu;
Qual de nós te agrada mais,
O jasmim, a rosa, ou eu?
--Para fallar-te a verdade,
Tenra flôr — lhe respondi —
Não sympathiso contigo,
Não gosto nada de ti.

Prezem outras muito embora
Teu aroma lisonjeiro,
Não me agrada a tua côr,
Mortifica-me o teu cheiro.»

— E a qual de nós — disse a rosa —
Preza mais teu coração?
Anda, falla sem rebuço,
Dize a tua opinião.
— Conheço bem — lhe tornei —
Que te fazem mil favôres,
Que és rainha, e tens o sceptro
Do grande imperio das flôres.

Tens bella côr, grato arôma,
E outras graças immortaes;
Mas ainda ha outra flôr,
Que m'agrada muito mais.

Amarella como a esponja
De raiva a rosa ficou,
E o jasmim envergonhado
A côr da rosa tomou.

— Eis ahi porque te estimo,
(Para o jasmim disse então)
A tua amavel candura
Encanta o meu coração.

Não queres ter primazia
No meio das outras flôres,
Córas de pejo e vergonha
Quando te tecem louvôres.
És emblema da innocencia,
Tens a côr da singeleza,
Outra flôr egual a ti
Não gerou a natureza.

SILVEIRA MALHÃO.

Um heroe!!

. . . .

O comboio corria ainda na escuridão da noite, apitando. No trepidar suave do *sleeping* eu ergueu-me, vesti-me rapidamente e passei ao *dining*, um creado accorreu a quem pedi o tradicional café e *cognac*. N'esse momento, a acção vigorosa dos freios automaticos fez estacar subitamente o trem e uma voz sumida e lenta, em que se traduzia todo o enfado d'um labor penoso e mal remunerado, bradou: Pampilhosa!

Saboreava eu o meu *cognac* e atravez os altos vidros hia vendo na vacilante illuminação da triste *gare*, passarem negras silhuetas d'empregados, quando de novo o meu apparatoso companheiro de viagem appareceu. Era um homem suave, de fallas meigas, face cuidadosamente escanhoada, cabellos louros empomadados, apartados sobre uma testa ampla. Tinha uma certa distincção. Fallava muito, mas apezar d'isso notava-se-lhe uma certa reserva. As suas aventuras, que o seu aspecto meigo e suave contradictavam, eram innumeras; dizia-se possuidor de vasta fortuna, e além do francez em que se expressava correctamente, fallava tambem o hespanhol e o inglez.

Tinha viajado immenso, eram lhe tão familiares os grandes expressos, como os monumentaes transatlanticos. A sua grande decisão assombrava me, a mim, pifio e lamecha latino, e julguei vêr n'elle um principe russo em eterno exodo emigrativo pelas suas ideias avançadas, e por isso a minha admiração por elle ainda mais se elevou, cresceu.

E recomeçámos as eternas palestras emquanto ao longe no extremo horisonte hiamos vendo nascer o dia n'uma escumaralha de luz, que ainda vaga e incerta illuminava já uma paysagem risonha de contornos vagos e esbatidos. O sol erguera se e n'um abraço meigo envolvia o comboio n'um diluvio de luz rosada e forte. Caras de viajeiros mostravam se, admirando a campina de opulentos verdes por onde corriamos a toda a velocidade.

O meu companheiro continuava a fallar das suas enormes viagens, que me assombravam, a mim mesquinho viajeiro, de que Paris, fôra, até então, a arrancada mais longa. Descrevia-me a sua ultima digressão ao Klondyke, *o paiz do ouro*, onde fizera maravilhosa fortuna e das suas caçadas no Far-West, onde operára prodigios. Todo o universo lhe era familiar e por isso tão depressa admirava o Niagara Fals's e o Pão d'Assucar, como o lago dos 4 cantões e o Rheno. A verde Escocia conhecia-a tão bem como as areias ardentes de Dar er Salam. Tinha admirado os gloriosos nascimentos do sol no Righi Culm, annunciados pelas trompas dos guardadores de gado, e os occasos magnificentes nas Molucas. Comera o *puchero con grabanzos* nas alvas aldeolas da Andaluzia e tinha saboreado o *caril* autentico n'um *bengalow* de Bombaim. Vira dançar as *mousmées* pequeninas e graciosas de Yokohama e os *can cans* infernaes de Montmartre. Jornadeára a dorso de camelo na Arabia ardente e percorrera em *trenó* as paysagens nevadas do Spitzberg.

E continuava ainda a ennumerar me cousas estupendas e exoticas quando o creado nos preveniu que entravamos na *gare*. E foi no meio da balburdia febril da chegada, quando as mãos implorantes dos creados nos exigem a gorgeta e as mãos autoritarias do fisco nos revolvem as malas, que combinámos partir para Londres e seguir para a America no *Aurania*.

. . . .

O *Aurania* éra um soberbo barco de 18:000 toneladas, pertencente á «Cunard-Line, do commando do *honorable* Harwey, um velho e interessante homem do mar. A manhã estava fresca, soprava uma ligeira brisa do norte que arrepiava levemente as aguas tranquillas onde estavamos e punha vivas colorações rosadas nos adoraveis *minois* das passageiras.

Eu continuava passeando no *spardeck*, quando o meu apparatoso companheiro appareceu. Vestia agora um completo azul e o seu bonet de pala de verniz, dava-lhe um vago aspecto de *stwart*. E contava-me já não sei quantas espantosas aventuras maritimas quando uma campainha fortemente agitada por autentico *stwart*, convidou os visitantes a sahir.

Fez se logo o movimento da *largada*, apitos de manobra, carrilhonamentos do telegrapho para as maquinas. Um rebocador postado a *vante* tomou um longo virador para *safar* o navio. Nos caes agitavam-se lenços brancos e uma ou outra mão acenava, havia esse silencio disciplinado e imponente que é o caracteristico das cousas inglezas. No mesmo instante a pancada rythmica e apagada da maquina subiu até mim. O navio aproou ao mar com a violenta trepidação das maquinas que o impelliam a 20 milhas por hora!

Depois do jantar subi ao convez, navegávamos n'um mar de rosas, o navio todo illuminado e cheio de animação tinha um aspecto deslumbrante e feerico. No salão a orchestra dos *tziganos* fazia gemer nos violinos deliciosas valsas de Strauss e Waldeteufel. Pares volteavam lentos e frios. E até altas horas me demorei no *bar* a ouvir a espantosa historia do meu *heroe*. Deportado politico na Siberia, voluntario depois na guerra com o Japão, batera-se no Yalú, e Port-Arthur, prisioneiro viera, depois de fugir mysteriosamente d'ali, a S. Petersburg, onde fôra nihilista, e preparára um attentado, que descoberto o fizera temer da policia do seu paiz e procurar na America do Norte, um asylo seguro, e por confiar em mim, homem de ideiaes vastos, por isso ali em frente do aureo champagne que fervilhava nas taças e n'aquella immensa e magestosa solidão das aguas me fazia a vera historia das suas attribulações. E eu já quasi o não ouvia, sentado no amplo *fauteil*, pois docemente embalado pela trepidação do navio pensava no *nirvana*... e na inanidade das terrenas cousas.

*
* *

Devia ser essa a nossa ultima noite no mar, pois o *Aurania* deveria entrar em New-York no dia seguinte, e n'essa doce espectativa desci á *cabine* para me deitar.

. . . .

De repente senti um violento estrondo, o navio tinha sofrido de certo avaria grave, saltei espavorido. Em cima fazia se já aquelle movimento precipitado e angustioso das grandes catastrophes. Corri ao salão, em cuja meia obscuridade os *stwarts* se agitavam gritando. Passageiros afflitos sahiam das *cabines*, lividos, aterrados. Ouviamse lamentos e gritos em varias linguas. Na tolda a marinhagem não perdera ainda o sangue frio e os officiaes faziam-se facilmente obedecer. A faina era *safar* os escaleres. O *Aurania* sofrera um fortissimo embate pelo travez, junto á casa das maquinas, e estava irremediavelmente perdido, comecando a afundar-se lentamente.

Na tolda hia agora um movimento louco, scenas horriveis, gritos lancinantes, a que um ceu sereno, limpido e estrellado fazia extranho contraste. O mar estava perfeitamente chão o que era circumstancia favoravel.

— E o meu heroe! onde estaria? De certo no local mais perigoso, cheio de abnegação, salvando gente.

De subito, um feixe de luz branca, illuminou fortemente a tolda do navio. Defronte de nós, e enviando-nos a luz dos seus projectores, estava um outro grande paquete que nos vinha soccorrer.

E o meu heroe? Onde estaria, perguntava eu, quando de repente o avistei de joelhos, acocorado junto a um alboi, o grande homem, mal me viu perguntou-me afflito.

— Vamos para o fundo?

— Ha bastantes probabilidades d'isso.

— Então ouça-me. Quero, n'uma expansão suprema, ser sincero ao menos uma vez na vida, eu que tanto tenho faltado á verdade, tudo o que lhe contei era falso, só é verdade ter viajado e vir da Russia.

O meu heroe tinha sido ali *maitre d'hotel*, d'um alto personagem a quem surripiára uma importante quantia, e todo o seu exodo tinha sido a fugir da policia!

Não o acabei de ouvir, diante de mim uma mulher desvairada erguia uma creança gentil que de olhos abertos sorria inconsciente. E nós tres, na ancia sofrega de nos salvar, nos agarramos fortemente a um xadrez d'onde pouco depois um escaler do *Lucania*, o navio salvador, nos recolhia.

Agora, no quarto tranquillo d'este hotel em Washington, onde repouso d'aquellas accidentadas peripecias, lembro-me do meu pobre heroe que eu vi tristemente seguir, logo que chegámos a New-York, escoltado por dois *policeman* americanos.

Tristes ironias da vida!

Lisboa, 1909.

AFFONSO DE CASTRO.

OS TRISTES

(Chronica de Lisboa)

Por Francisco de Barros Lobo

Já não é a primeira vez que nos referimos ao sr. Barros Lobo, porquanto, não só nesta revista, mas ainda mais tarde num livro por nós publicado — *Esboços de critica* — falámos acerca de duas soberbas *Chronicas d'aldeia*, citando até o facto do auctor não querer assumir a paternidade d'um outro trabalho seu, pois só se assignou Francisco de Barros, sendo irmão do saudoso Eduardo de Barros Lobo, litterato de alta valia, vulgarmente conhecido por *Beldemonio*.

Soubémos depois que na epocha em que esse livro foi escripto estava o sr. Barros Lobo em conflicto com o irmão e d'ahi a causa da sua resolução.

E' esta a quarta obra que o sr. Barros Lobo nos apresenta, pois são d'elle: *O morgado de S. Cosme*, *O tio João Gil*, *Supplicios d'amor* e agora *Os tristes*, annunciando já outro — *O luxo*.

Supplicios d'amor são uma *chronica d'aldeia*, viva, buliçosa, alegre e triste simultaneamente. E' um magnifico romance em que se salientam

Barros Lobo

varias figuras aldeans. Tem descriptivos de primeira ordem que no decorrer da leitura nos fazem, por vezes, recordar a singela prosa de Julio Diniz; tem intensos lances dramaticos frequentes, especificando os derradeiros capitulos d'esse romance.

Os tristes, que são uma *chronica de Lisboa*, vivida e palpitante, têem este commovente entrecho:

Um transmontano — que abandona a casa paterna e a terra que lhe foi berço—vem para a capital em busca de fortuna que a sua ingenuidade suppõe ser facil de conseguir, concedendo lhe as venturas mais completas. De fatalidade em fatalidade, chega uma occasião em que julga haver attingido a sorte que sonhára, mas é exactamente quando o destino incomprehensivel lhe descarrega o formidando golpe, obrigando-o a buscar no suicidio o lenitivo para as suas maguas e fadigas e, em seguida, tardíamente, a rehabilitação do seu nome que uma intriga forjada contra elle o enredava n'uma degradante suspeição.

Além do romance — que é dedicado ao conselheiro sr. Teixeira de Sousa — ser escripto com levesa, tem umas observações sobre politica, exercito e policia justas e sinceras.

Encerra boas paginas de descriptivo, sendo o capitulo em que descreve a cadeia cheio de observação e minuciosidade.

As figuras do romance são bem esboçadas, principalmente o protogonista José Ermida, o soldado e o policia — o 109 — que é flagrante de verdade.

De resto a impressão que a leitura do romance nos produziu não é má, mas — e com toda lisura o confessamos — a *chronica de Lisboa* é inferior ás *chronicas d'aldeia* que lêmos com bastante agrado.

Pesa-nos ser tão rudes na nossa opinião ao correr da penna, mas sômos sinceros.

A edição é da Livraria Central do nosso particular amigo Gomes de Carvalho e é nitida, custando cada exemplar seiscentos réis.

Ao sr. Barros Lobo — de quem gostosamente publicamos o retrato — agradecemos a amavel offerta dos exemplares com que distinguiu o director d'esta revista e quem firma estas desengraçadas linhas e pede desculpa da sua opinião tão franca, demais talvez.

Henrique Marques Junior.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1095)

V

Coisas extraordinarias

Quando Seth Barker gritou que um barco tinha dado contra os rochedos da ilha principal, não necessito dizer o que em acto continuo fizemos, sendo como eramos, marinheiros inglezes.

Apenas ouvi aquella voz de alarme, gritei:

— Aos escaleres!

Cada um dos marinheiros correu logo ao seu posto.

Estavam excitados, não o nego, mas nenhum foi capaz de soltar uma palavra, e todos aguardavam a espectativa, emquanto eu com o oculo na mão, fazia a diligencia por descobrir o barco e saber o que se passava.

Ao pé de mim, Mr. Jacob e Peter Bligh esquadrinhavam tambem o mar e a costa.

N'um momento percebemos tudo e tomamos uma resolução.

— Ha um navio nos recifes, isso não resta duvida, e pela mastreação, parece ser o *Santa Cruz* com que cruzamos esta tarde — disse Jacob, e proseguiu depois: — Esta costa é bastante perigosa, olá se é!

— Pois sim, mas cheia de gente de bom coração que faz fogo contra naufragos — exclamou com ar escarninho Peter Bligh.

Ao principio não quiz crer no que elle dizia, mas passados poucos minutos, não tive remedio senão dar-lhe razão.

— Céos! — exclamei. — Não pode ser, Peter... e sem duvida... são tiros que se ouvem... a não ser que o meu ouvido me engane... escutem!...

Encontravamo-nos todos reunidos, escutando com aquella anciedade com que se escuta o respirar suffucante de um moribundo, ou os ruidos que interrompem a serenidade da noite e que atemorisam as almas supersticiosas.

As detonações enviam-se claramente, e via-se relampejar aqui e ali, em todo o recife, quando as espingardas descarregavam, revelando assim a horrivel tragedia que se passava

— Os bandidos que vivem na ilha, estão fuzilando os pobres naufragos — gritei. — Se já se viu um acto mais sanguinario! Vamos, rapazes!... Escaleres ao mar! Temos de ir dançar ao som da musica que estão tocando lá nos rochedos!

A tripulação estava a postos para arriar os escaleres, quando Mr. Jacob, tocando-me no hombro, deu contra ordem, coisa que nunca até ali o tinha visto fazer.

— Perdôe, capitão — disse elle. — Não ha embarcação que possa prestar auxilio ao *Santa Cruz* esta noite.

— Porquê, Mr. Jacob? Porque diz o senhor isso?

— Porque já está onde nem o senhor nem eu desejamos estar.

Dei um salto como se tivesse sido mordido por uma vibora, e tomando novamente o oculo, comecei a prescrutar o recife N. para vêr se lobrigava o barco ali encalhado. Mas não se viam vestigios d'elle. Tinham desapparecido de todo, n'um abrir e fechar d'olhos, sob aquella enorme massa de agua.

Parecia que sob as ondas se ouviam, como uma lamentação em espirito, os dolorosos gritos de agonia d'aquelles que se tinham afundado com o barco.

— Deus esteja com elles e castigue severamente os seus algozes! — disse Peter Bligh.

Mas Mr. Jacob continuou falando com a sua habitual prudencia.

— Estamos a quatro milhas da costa, e a lua vai occultar-se dentro em dez minutos. Mesmo que quisessemos, não poderiamos chegar ao recife, e ainda que o fizessemos já não encontrariamos ninguem vivo. Este mar é capaz de despedaçar a melhor lancha que se aventure a atravessal-o, e dentro em pouco o vento será ainda mais forte. Que faremos agora? Temos amigos nossos a soccorrer e não devemos fechar a porta que a Providencia nos abre. Não quero dizer nada sobre sentimentos de humanidade, capitão; mas o que digo, é que não me agrada muito ir agora pescar cadaveres á agua, quando posso ajudar os vivos em terra.

Achei sensato este argumento e não dei mais palavra a tal respeito. Nenhuma embarcação pequena se aguentaria junto dos cachópos da parte N. da ilha, com o mar da maneira que estava.

Se aquelles malditos que faziam fogo sobre os infelizes do *Santa Cruz*, se estavam refastelando de carne humana como abutres, era provavel que a ilha principal estivesse livre e desembaraçada, para podermos desembarcar sem nos encontrarmos com elles.

Talvez se nos não deparasse uma occasião tão bôa como aquella, para isso. Nunca me arrependerei de fazer tanto caso das palavras que Mr. Jacob me disse n'aquella noite.

— Tem razão como sempre, Mr. Jacob, disse-lhe eu. — Não tenho direito de arriscar a vida dos nossos companheiros n'uma empresa probleumatica. O vento já sopra forte bastante, conforme prognosticou. Os que vão á terra que saltem já para a lancha, — segredei-lhe ao ouvido.

E voltando-me para o resto da guarnição:

— Rapazes! O melhor barco construido em Southampton não poderia navegar com o mar que faz d'este lado dos recifes. Gostaria de ajudar os nossos camaradas, mas as probabilidades não estão do nosso lado. Ha ali tambem, uma nossa companheira, que necessita de auxilio. Vou a terra por sua causa e tenho a certeza que durante a minha ausencia, todos cumprireis o vosso dever a bordo.

Estas palavras fizeram com que soltassem um grande *hurra*, que me pareceu uma loucura n'aquella occasião, e me deu bastante trabalho para acalmar. Por felicidade, a lua estava n'este momento encoberta por uma nuvem e no mar havia densa escuridão.

A bordo do *Cruzeiro do Sul* não tinhamos um unico farol acceso, nem pequena fresta que não estivesse tapada para não deixar passar a luz. O clarão que poderia sahir pela chaminé, não era coisa que chamasse a attenção de terra.

E quando os cinco (porque tambem levamos Harry Doe) nos mettemos na lancha e aproámos a Oeste em direcção á ilha, perdemos logo de vista o vapor.

Deus sabia que estavamos destinados a não o vermos mais, nem no mar nem junto á ilha.

Como disse, o vento começára a soprar mais rijo desde o pôr do sol, e ao dar as duas badaladas do sino de bordo para render a guarda, que foi quando embarcámos, o mar estava bastante picado e perigoso para navegar n'uma lancha como a nossa, em direcção a uma costa desconhecida. Sempre julguei ter sido um pouco de sorte e não de direcção, o chegarmos salvos á enseadasita.

Saltámos em terra todos molhados, é verdade, mas contentes e satisfeitos por o termos feito a salvo, e fomos refugiar-nos na praia ao pé da nossa conhecida escada de madeira.

N'esta pequena enseada, encontrámos tambem refugio para a lancha, que arrastamos para a praia afim de ficar fóra do embate das ondas, prontificando-se Harry Doe de a guardar á vista até nós voltarmos.

— Se houver perigo dispara um tiro — lhe observei eu. — Esse será o signal de que corres algum risco e precisas soccorro; se disparares dois é para nos retirarmos d'estes sitios. Mas não o deves fazer senão no ultimo extremo. Tenho esperança de que saldaremos bem as nossas contas e que não haverá necessidade de taes signaes.

Respondeu-me com um «sim, meu capitão» doloroso como um gemido, e nós quatro, Peter Bligh, Seth Barker, Dolly e eu, trepamos quasi de gatas pela escada, e em breve nos encontrámos sobre o alto dos rochedos.

Dizer que o coração me subia até á bôca, não seria rigorosamente exacto, porque até hoje, nenhum homem me metteu medo, nem mesmo uma fera ou o diabo, e certamente que não começaria a tel-o aquella noite. Mas recordando as scenas que tinhamos visto no recife, as palavras mysteriosas de Ruth Bellen-

den, e o que nos tinha succedido, a mim e a Dolly a ultima vez que estiveramos em terra, não será para admirar que o coração me batesse um pouco mais apressado do que o usual, e que de vez em quando levasse instinctivamente a mão ao revólver.

Imagine-se a scena:

Nove horas de uma noite escura como breu; um bosque espesso, com arvores que pareciam espectros e um carreiro tão estreito como a prancha de um navio; sem ter conhecimento de quem andaria pelo bosque, nem em volta de nós, nem por baixo do abysmo.

Quem não teria guardado silencio em taes circumstancias, ou não se entregaria a reflexões de que esta aventura poderia acabar mal, e que entrava no possivel não tornarmos a vêr a luz do sol?

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

O Santo Antonio do Regimento 19 de Cascaes

E' no dia 13 deste mez que a egreja celebra a festa de Santo Antonio de Lisboa, o taumaturgo português, tão popular em Portugal como celebrado em Italia, que religiosamente guarda seus restos mortaes na sumptuosa basilica de Santo Antonio de Padua.

Pois o milagroso Santo tambem tem sua historia no exercito português, e não foi sem fé que a sua imagem, venerada pelos soldados de infantaria 19 de Cascaes, os acompanhou em tantas batalhas gloriosas das campanhas da guerra da Peninsula, que tornaram celebre este regimento.

HISTORICA IMAGEM DE SANTO ANTONIO DO REGIMENTO 19 DE CASCAES, QUE O ACOMPANHOU NAS CAMPANHAS DA GUERRA PENINSULAR

De tal modo se ligou a este regimento a gloriosa imagem, que nelle teve a patente de tenente coronel, e lhe foi conferida a cruz de ouro, algarismo n.º 5, comemorativa da Guerra Peninsular.

As batalhas, combates, etc., em que esta imagem acompanhou o regimento 19, sempre victorioso, foram as seguintes:

Batalhas do Bussaco, 27 de setembro de 1810; Fuentes de Oñoro, 5 de maio de 1811; Salamanca, 22 de julho de 1812; Victoria, 21 de junho de 1813; Dos Pirineus, 28 e 30 de julho de 1813; Do Nivelle, 10 de novembro de 1813; De Nive, 9 e 13 de dezembro de 1813; Orthez, 27 de fevereiro de 1814; combate de Santo Antonio do Cantaro, no dia seguinte ao da batalha do Bussaco; assédio de Badajoz; assalto geral ao forte de S. Cristovão; assédio de Cidade Rodrigo; assédio e tomada do forte do Retiro, em Madrid; combate da ponte de Valladolid; tomada da praça de San Sebastian, e outros combates até Hastingues, em 23 de fevereiro de 1814.

Esta imagem e bandeira que acompanhou o heroico regimento 19, estão hoje na capela da cidadela de Cascaes.

O Congresso Internacional de Genebra *(8-12 de setembro de 1908)*, por A. J. Ferreira da Silva.

O distintissimo quimico português, delegado oficial do nosso governo áquella reunião cientifica para reprimir as fraudes dos produtos alimentares e farmaceuticos, dá conta lucida e muito util do que foi o congresso, das conclusões a que chegou, e do modo como se houve.

E' isto feito em 22 paginas que se lêem com agrado, como, afinal, acontece com tudo o que sae da penna de mestre do infatigavel fundador da *Revista de Chimica Pura e Applicada*.